

Estado de São Paulo desobriga o uso de máscara em ambientes abertos

Em locais fechados, como salas de aula e transporte público, uso da proteção ainda é exigido

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO A partir desta quarta-feira (9), o uso de máscara não é mais obrigatório em espaços abertos no estado de São Paulo, inclusive nas escolas da rede pública e privada. A medida foi anunciada pelo governador João Doria (PSDB) em entrevista coletiva nesta quarta-feira (9).

O uso continuará sendo exigido em ambientes fechados como transporte público, estações de metrô e trem, por exemplo. A liberação total do uso de máscara, inclusive nesses ambientes fechados, poderá ocorrer até o final de março, segundo o governador.

Nas escolas, a utilização de máscara somente poderá ser desobrigada em ambientes abertos como as quadras esportivas e o pátio. O item deve ser utilizado nas salas de aulas, por exemplo.

A Folha havia publicado na última sexta-feira (4) que Doria optaria pela flexibilização em ambientes abertos, como ruas, praças, parques e estabelecimentos comerciais. Ao mesmo tempo, deveria manter a obrigatoriedade de uso de máscara em ambientes fechados como forma de prevenção ao novo

coronavírus. Outra medida, anunciada pelo governador de São Paulo nesta quarta, é a volta da capacidade total de público nos eventos culturais e de lazer, além das praças esportivas — os frequentadores deverão apresentar o comprovante de vacina.

Até então, os estádios de futebol poderiam receber até 70% da sua capacidade de público. A presença da torcida nos estádios chegou a ser proibida no início da pandemia, em março de 2020.

O uso de máscara é obrigatório desde maio de 2022 como forma de combate e prevenção ao novo coronavírus, sob pena de multa e inclusive prisão. O novo decreto foi publicado em edição extra do Diário Oficial na tarde desta quarta-feira.

“É um novo momento na vida e no trabalho. Depois de dois anos e dois meses de pandemia e de perdas, nós podemos tomar uma medida com importância e dimensão”, disse Doria, que durante o anúncio chegou a retirar a sua máscara no jardim do Palácio dos Bandeirantes. A mudança é impulsionada por dois indicadores, o de

queda de casos de infecção e óbitos e os dados de avanço da campanha de imunização. Esta última será uma cartada de Doria, que é o pré-candidato do PSDB à eleição presidencial em outubro deste ano.

Desde o começo da semana, os assessores do tucano têm se empenhado em fazer vídeos sobre o fim da necessidade de vestir máscara.

De acordo com o Vacinômetro do governo estadual, atualizados às 17h desta sexta, indicavam que 89,26% de toda a população acima de cinco anos está com o esquema vacinal completo.

“A decisão de hoje [quarta-feira] se deve fundamentalmente ao avanço da vacinação. São Paulo é o estado que mais vacina no Brasil. A decisão está respaldada na ciência, na saúde e no respeito pela vida”, afirmou Doria.

De acordo com Rossieli Soares, secretário estadual de educação, a máscara não será exigida mesmo nas quadras esportivas cobertas e com aberturas pelas laterais. A medida é válida para os 645 municípios do estado, independentemente do nível de imunização em crianças e adolescentes em cada cidade.

Em reunião na terça-feira (8), o Comitê Científico do estado havia deliberado por criar uma regra para definir em quais escolas o uso de máscara deixaria de ser obrigatório nas áreas abertas e em quais a exigência seguiria. Na ocasião, ficou definido que a liberação ocorreria nas cidades onde a vacinação com a primeira dose

se tivesse alcançado, no mínimo, 80% das crianças.

Em nova reunião nesta quarta-feira, pouco antes do anúncio oficial do governo estadual, a ideia foi engavetada, e decidiu-se por liberar todas as áreas externas dos colégios.

A expectativa do governo é que, nas próximas duas semanas, se reúna novamente com o comitê para reavaliar os indicadores e, com isso, adotará o fim da obrigatoriedade em definitivo do uso de máscara, inclusive nos ambientes fechados e no transporte coletivo.

“É um novo momento na vida e no trabalho. Depois de dois anos e dois meses de pandemia e de perdas, nós podemos tomar uma medida com esta importância e dimensão”

João Doria (PSDB) governador de SP no anúncio da flexibilização do uso de máscaras

sitivos do novo coronavírus na última semana. Também houve redução de 56% dos óbitos relacionados à doença no último mês.

O ritmo da campanha de imunização entre crianças e adolescentes tem sido uma preocupação de Doria, que pelo menos desde fevereiro tem telefonado para os prefeitos e cobrado publicamente um avanço, como fez ao prefeito de Lorena, Sylvinho Ballerini (PSDB), no último dia 25 durante a inauguração de uma unidade do Poupatempo.

Na ocasião, Lorena (a 190 km da capital paulista) aplicou apenas 41% das doses recebidas para a população infantil, na ocasião.

Já o município de São Paulo informa em seu último boletim diário da Covid-19, publicado nesta terça-feira (8), que 80,21% da população entre 5 a 11 anos recebeu a primeira dose da vacina, e 24,70% já foram imunizados com a segunda dose. O total deste público é de 1.083.159 crianças de 5 a 11 anos, de acordo com a Prefeitura de São Paulo.

O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), confirmou à Folha que, com o aval do estado, deverá liberar o uso de máscara nos ambientes abertos das escolas.

Entusiasta da flexibilização, Nunes enviou nesta segunda-feira (7) para Doria um relatório da Secretaria Municipal da Saúde no qual orienta que é possível liberar o uso de máscaras em ambientes abertos na capital. O documento, por outro lado, defende a manutenção do uso das proteções em locais fechados.



Pedestres caminham na avenida Paulista, na região central de São Paulo, com e sem máscaras

Zanone Fraissat/Folhapress

Artefato segue obrigatório no avião e na área de embarque

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) disse que os decretos municipais ou estaduais dispensando o uso de máscaras não afetam as regras estabelecidas pela agência em aeroportos. Dessa forma, o uso de máscara continua obrigatória em áreas de acesso controlado de aeroportos, como área de embarque, e também em aeronaves. A regra vale para viajantes e trabalhadores. A agência reguladora argumenta que nessa área há a concentração de pessoas de diferentes origens, com distintos perfis epidemiológicos, índices de transmissão e coberturas vacinais. Já onde o acesso não é controlado o uso deve seguir as recomendações das autoridades locais.

Proteção ainda é recomendada em aglomeração e no face a face

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO Apesar de locais abertos bem ventilados serem muito mais seguros, com menor risco de contaminação por Covid-19, algumas situações específicas merecem um pouco de atenção. São elas, basicamente: espaços com aglomeração e contatos prolongados próximos, face a face.

A flexibilização de uso de máscaras em locais abertos, no momento, faz sentido, considerando que a situação pandêmica do Brasil, após recrutamento no início de 2022, vem apresentando melhoras, afirmam especialistas.

Vitor Mori, físico pesquisador na Universidade de Vermont (EUA) e membro do Observatório Covid-19 BR, diz ser até surpreendente o Brasil ter demorado para liberar a máscara em ambientes abertos, algo que foi feito já há algum tempo em outros países.

Um risco menor ao ar livre não significa risco zero.

Raquel Stuchli, professora

da Unicamp e consultora da SBI (Sociedade Brasileira de Infectologia), relembra que, em ambientes abertos, sempre houve uma exigência menor quanto ao uso de máscara. É comum tanto na rua como em parques públicos ver inúmeros pessoas sem a proteção facial.

Mori aponta que interações próximas cara a cara (com as caras sem máscara) por longos períodos oferecem um risco maior mesmo ao ar livre. Dessa forma, esse tipo de contato merece um pouco mais de atenção.

O pesquisador diz que a flexibilização para ambientes abertos deve vir acompanhada de comunicação que incentive as pessoas a procurar, de fato, locais abertos para fazer atividades como as de lazer.

“Me parece uma oportunidade excelente para que haja uma boa comunicação incentivando as pessoas a ficar ao ar livre”, afirma o físico.

Quanto mais próximo alguém estiver e mais direta

for a interação, maior será o risco. Quanto mais gente em volta, mais gente próxima a você, maior o risco. Quanto mais gente circulando, tanto, também maior o risco. Logo, é de se imaginar que um festival de música, como o Lollapalooza Brasil, que deve ocorrer no fim deste mês, em São Paulo, jogos de futebol e até mesmo praias desportivas são pontos de atenção.

“Se não acontecer, as pessoas estão se encontrando, fazendo eventos, independentemente de a gente achar certo ou errado, sem julgamento de valor. Uma vez que essa demanda vai existir, que as pessoas vão procurar atividades, me parece muito mais razoável que a gente faça isso ao ar livre e promova o máximo de segurança possível dentro desse contexto”, afirma Mori.

O pesquisador usa o Carnaval como exemplo de evento que foi cancelado ao ar livre, mas liberado para ocorrer em locais fechados, onde o risco de contaminação é muito maior.

Rosana Richtmann, infectologista do Instituto Emílio Ribas, lembra ainda que o Lollapalooza, por exemplo, atrai milhares de pessoas de outros locais do país, que podem levar a uma maior circulação não só da Covid-19, mas de outras doenças.

A especialista, porém, destaca a importância do uso da máscara em ambientes fechados que conduzam até o local do festival (que será ao

“O bom é que agora ninguém vai estranhar ter alguém de máscara num ambiente. Quem quiser usar máscara deixa usar”

Rosana Richtmann infectologista do Instituto Emílio Ribas

ar livre, no Autódromo de Interlagos), como metrô, trem e ônibus. Isso quer dizer que você tenha que usar máscaras em eventos ao ar livre? A resposta a essa pergunta já é um pouco mais difícil.

Não há dúvidas de que estar de máscara é mais seguro do que estar sem. Mas a questão do uso, nesses casos, acaba tendo relação com a percepção e com qual o grau de risco que a pessoa esteja disposta a correr de não usar a máscara.

“Me parece uma medida razoável”, diz Mori, sobre o uso de máscaras em locais com aglomeração, canto, comemoração e muitas interações face a face. Ao mesmo tempo, ele ressalta que, em eventos ao ar livre, a situação é mais tranquila e o uso da proteção no rosto é uma posição quanto ao risco mais conservadora. Stuchli resume dizendo que, para aglomerações, se não é possível manter distanciamento, a máscara é impor-

ante para a proteção.

“Sempre vai ter risco”, diz Richtmann, que, porém, não vê muito mais sentido no uso de máscara em locais abertos, mesmo pensando em praias lotadas, por exemplo. Em shows e festivais de música, o ambiente aberto pode não ser a questão central, mas sim o comportamento das pessoas, com bebidas compartilhadas, muita proximidade. Mas ela ressalta a importância do uso da proteção em certos grupos, como não vacinados, pessoas que têm comorbidades ou problemas de imunidade.

“O bom é que a partir de agora ninguém vai estranhar ter alguém de máscara num ambiente”, afirma Richtmann. “Não tem nada de errado. Quem quiser usar máscara deixa usar”.

Mesmo que a máscara deixe de ser cobrada em eventos abertos, a especialista do Instituto Emílio Ribas destaca que o passaporte vacinal deve continuar a ser cobrado, para diminuir o risco das pessoas que estão ali presentes.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Saúde **Caderno:** B **Página:** 1